

O primeiro passo a tomar quando se decide entender como vai a produção científica em periódicos de peso internacional é determinar quais são os veículos que valem realmente a pena, seja por sua visibilidade, seja por sua penetração na área de estudo. Considerando estes dois parâmetros, é necessário assumir que os periódicos indexados pelo ISINET (International Science Index) acabam por ser os mais relevantes. É óbvio que há críticas ao processo de reconhecimento do sistema, mas também é ululante a constatação de que o mundo científico não contesta o ISI. Portanto, daremos o braço a torcer e levaremos o ISI como nosso padrão ouro.

Dentro deste contexto encontramos na otorrinolaringologia os seguintes jornais científicos: Acta Oto-laryngologica (Suécia), American journal of rhinology (EUA), Annals of Otolaryngology, head and neck surgery (EUA), Archives of Otolaryngology, head and neck surgery (EUA), Audiology neuro-otology (EUA), Clinical otolaryngology (EUA), Dysphagia (EUA), Ear and Hearing (EUA), Head and Neck (EUA), Hearing Research (EUA), International Journal of pediatric Otolaryngology (Eng), Journal of Association of Research on Otolaryngology (EUA), Laryngoscope (EUA), Otolaryngologic Clinics of North America (EUA), Otolaryngology Head and Neck Surgery (EUA) e Otolaryngology (EUA).

Podemos perceber, afora a absoluta predominância de revistas americanas, que há um total de 16 veículos, sendo 9 gerais, sendo uma especializada em pediatria, 4 de interesse otológico, 2 de interesse em laringe e cabeça e pescoço e 1 de interesse em rinologia.

Para determinarmos como vai a pesquisa e sua publicação por brasileiros em nossa área, estabelecemos uma pesquisa na base de dados da National Library of Medicine, pelo Medline onde procuramos trabalhos das revistas indexadas ou não no ISI, nos anos de 2006, 2005 e 2004, com os seguintes descritores ear OR labyrinth OR equilibrium, nose OR paranasal OR olfaction, larynx OR pharynx OR voice OR swallowing.

O que encontramos foi um total de 45958 entradas (com repetição nas áreas), sendo 28131 com os descritores na área de Otologia e Audiologia, 8660 na área de Laringologia e Cabeça e Pescoço e 9167 na área de Rinologia. Deste total os temas com atenção na orelha tiveram 2611 trabalhos no ISI, os de laringe 1077 e os de nariz 915.

Neste total de trabalhos no ISI, os artigos com participação de brasileiros foram 20 (0,7%) em orelha, 29(2,6%) em laringe e 11 (1,2%) em nariz.

Já o total geral de trabalhos de brasileiros no Medline foi de 496 artigos (1,1% do total), sendo 210 em revistas estrangeiras e 286 em revistas nacionais indexadas no Index Medicus.

O outro lado da questão de produção intelectual diz respeito ao depósito de patentes, que na área ORL se encontra em quase traço nos últimos 5 anos. Chega a chamar a atenção o quanto à pesquisa tem se desinteressado pela geração de equipamentos e produtos que possam dar suporte aos problemas otorrinolaringológicos.

Conhecedores da quantidade de queixas que transitam pelo universo ORL como cefaléia, tosse, zumbido, tontura, perdas auditivas, alterações do olfato, hiperatividades e alergias, obstruções respiratórias, distúrbios do sono, alterações gustativas e distúrbios da deglutição, problemas vocais e muitos mais, ficamos com a sensação de que há poucos produtos farmacêuticos dedicados a resolver nossos problemas específicos.

A indústria farmacêutica despeja enormes volumes de dinheiro na pesquisa e desenvolvimento de novidades terapêuticas a cada ano, sendo que o valor de mercado destas empresas sobe vertiginosamente a cada década, sendo que o valor de mercado das principais empresas tem perdido apenas para os grandes aglomerados petrolíferos. A revista Forbes apresenta as seguintes empresas farmacêuticas como de maior faturamento

Pfizer	201,0 US bilhões	Novartis	122,0 US bilhões
Johnson & Johnson	193,0 US bilhões	Procter & Gamble	118,9 US bilhões
GlaxoSmithKline	145,0 US bilhões	Amgen	104,0 US bilhões
Sanofi-Aventis	125,0 US bilhões	Genentech	96,0 US bilhões

Apesar deste volume de divisas, são raros os fármacos novos e com novas indicações em nossa área.

Assim também é o consumo por parte de nossos pacientes. A América Latina tem a seguinte distribuição de medicamentos mais consumidos: Voltaren, Viagra, Aspirina Bayer, Lipitor, Celestone, Xenical, Nan, Novalgina, Cialis, Plavix. Ou seja, não há nestas prescrições dedicadas especificamente às queixas otorrinolaringológicas.

Como médicos devemos ter um mínimo de influência sobre os aspectos que devam ser abordados nas pesquisas científicas visto que esta se presta em última instância a gerar conhecimentos que ajudem a fazer a população a alcançar um estado de saúde ideal. O dinheiro despendido em pesquisa é restrito e as decisões quanto a onde e com gastá-lo deveria passar por quem esta na fronteira entre o prestador de serviço e o consumidor. Vale a pena pensarmos nisto e tentarmos entender que ciência estamos produzindo, a que custo e quais os resultados reais que estamos atingindo.